ISSN: 2358-8829

HETERODISCURSO EM *DOM CASMURRO*: O JÚRI SIMULADO COMO PRÁTICA ARGUMENTATIVA NA 3.ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO[1]

Francisca Rejane Silva Cunegundes Pereira [2]

INTRODUÇÃO

Entre os desafios que encontro nas aulas de Língua Portuguesa, dois têm ocupado lugar importante em minha prática docente: aproximar os estudantes da leitura de obras literárias e orientá-los a construir argumentos que ultrapassem a manifestação imediata de uma opinião. Por exemplo, não basta afirmar que uma personagem agiu bem ou mal. É preciso retornar ao texto, observar quem narra os acontecimentos, examinar as escolhas de linguagem e explicar por que determinada interpretação pode ser sustentada ou refutada.

Foi a partir dessas inquietações que desenvolvi, em 2024, com uma turma da 3.ª Série do Ensino Médio, uma proposta de leitura da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, articulada à realização de um júri simulado. Inserida nesse contexto, a pergunta sobre a suposta infidelidade de Capitu, tão conhecida entre leitores do romance, foi tomada como ponto de partida para um trabalho mais amplo com a argumentação. Nessa proposta, os estudantes assumiram diferentes papéis, prepararam suas defesas e acusações, recorreram a episódios da narrativa e participaram de um julgamento, cuja plateia contou com a presença de familiares.

Dentro dessa perspectiva, a escolha do romance se relaciona à maneira como Bentinho conta a história. Ao recordar a convivência com Capitu, o narrador já envelhecido, seleciona os acontecimentos e os interpreta à luz de suas suspeitas e do ciúme que deixa transparecer. Exemplos disso é a cena do velório de Escobar e a semelhança que Bentinho acredita identificar entre Ezequiel e o amigo (Assis, 1994). Trata-se de episódios apresentados como indícios de

[1] O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

[2] Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Mestra em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Especialista em Língua, Linguística e Literatura pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP), Especialista em Fundamentos da Educação pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Professora da Educação Básica na Rede Estadual de Ensino da Paraíba. Revisora de obras literárias infantis e juvenis. E-mail institucional: 212244@upf.br.

ISSN: 2358-8829

traição, embora não ofereçam uma prova conclusiva para isso, que chegam ao leitor sob a perspectiva de Bento Santiago.

Além disso, os julgamentos presentes na narrativa não se restringem às suspeitas de Bentinho. As relações familiares, as expectativas sobre o casamento, os valores morais e as posições atribuídas a homens e mulheres participam da maneira como as personagens são postas e avaliadas. Desse modo, a leitura desse romance em sala de aula abre possibilidades de discutir as diferentes vozes sociais que compõem o romance e os valores associados a elas, questão que orienta a aproximação do olhar deste relato com o conceito de heterodiscurso, discutido por Bakhtin (2015), e a diferença entre o acontecimento narrado e a interpretação oferecida por quem o conta.

Tendo esse olhar como fio condutor para a leitura da obra, este relato tem por objetivo discutir como a experiência do júri simulado articulou leitura literária e prática argumentativa, considerando o trabalho com as passagens do romance, as posições assumidas pelos estudantes e a mediação docente ao longo dos ensaios. Interessa-me compreender como a necessidade de defender uma interpretação levou os participantes a retornar à obra, selecionar argumentos e ouvir leituras diferentes das suas.

Quanto à organização, o texto está dividido em quatro movimentos. Inicialmente, apresento o percurso da experiência; em seguida, retomo as contribuições teóricas que orientam a discussão; depois, examino acontecimentos mais significativos da preparação e da apresentação do júri; por fim, considero o que a experiência me permitiu compreender sobre a argumentação, a escuta e o trabalho com a literatura na Educação Básica.

METODOLOGIA: O PERCURSO DA EXPERIÊNCIA

A proposta do júri contou com a participação nas atividades de 28 estudantes de uma turma[3] da 3.ª Série B com 32 alunos e idades entre 14 e 17 anos. A atividade foi desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa, em 2024, e organizada a partir da leitura integral da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Os números apresentados servem para situar a experiência, pois o interesse deste trabalho está na descrição e na reflexão sobre o percurso pedagógico, e não na mensuração quantitativa da aprendizagem.

O planejamento precisou conciliar duas exigências: preservar a abertura interpretativa do romance e estabelecer uma tarefa suficientemente clara para os estudantes. Desse modo, o

[3] A experiência foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Coriolano de Medeiros, localizada no município de Patos na Paraíba.

ISSN: 2358-8829

julgamento da suposta infidelidade de Capitu oferecia uma pergunta reconhecível, mas a preparação não poderia terminar na escolha entre condenar e absolver. Por essa razão, orientei os estudantes a procurar apoio nos acontecimentos narrados e a considerar interpretações diferentes das suas. Desde o início, interessava-me acompanhar como os estudantes retornariam à obra para sustentar uma fala e como reagiriam quando uma mesma passagem fosse compreendida de outra maneira pelo grupo contrário.

Este trabalho, portanto, constitui um relato de experiência elaborado a partir de uma prática pedagógica realizada nas aulas[4] de Língua Portuguesa com estudantes da 3.ª Série do Ensino Médio. Essa proposta tem como foco a descrição reflexiva das escolhas feitas durante o trabalho com a turma e a discussão dos acontecimentos observados pela professora responsável e autora do relato. Não se trata, contudo, de uma investigação baseada em testes de desempenho ou em medidas quantitativas de aprendizagem. As considerações apresentadas dizem respeito ao percurso efetivamente vivenciado.

Diante disso, para organizar este relato, recorro a Severino (2013) como apoio para pensar o rigor necessário à reflexão sobre uma prática já realizada. A partir dessa perspectiva, retomo a experiência vivida com a turma, procurando examinar as escolhas feitas durante a preparação do júri simulado, as dificuldades encontradas e as intervenções que precisei realizar ao longo da atividade. Trata-se, assim, de um relato de experiência elaborado a partir de minha atuação como professora responsável pela atividade, sem a pretensão de apresentar resultados de testes ou indicadores de aprendizagem que não foram produzidos durante o trabalho.

A atividade foi organizada em torno da leitura integral da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e da preparação de um julgamento sobre a suposta infidelidade de Capitu. Para isso, os estudantes assumiram papéis de advogados de acusação e defesa, testemunhas e integrantes do júri. Após a distribuição dos papéis, a turma participou de um encontro virtual, por meio do *Google Meet*, com um estudante do curso de Direito da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) que explicou o funcionamento de um julgamento e orientou os participantes sobre a atuação de cada integrante de um júri simulado. Essa conversa contribuiu para a organização da atividade, oferecendo esclarecimentos sobre os procedimentos e as responsabilidades do papéis assumidos por eles. Cada grupo precisou buscar no romance passagens que sustentassem sua posição. Os que defendiam Bentinho selecionaram episódios

[4] A etapa inicial da proposta, que compreendeu a apresentação da obra *Dom Casmurro*, a organizaçao da atividade e apreparação dos estudantes, foi desenvolvida em seis aulas de 50 minutos, totalizando cinco horas. A apresentação do júri simulado ocorreu no contraturno, das 19h às 20h30, aproximadamente, seguida de um jantar de confraternização oferecido pela esc9ola. O encerramento aconteceu por volta das 21 horas.

que poderiam reforçar suas suspeitas. Já os que estavam na desfesa de Capitu retomaram passagens que permitiam discutir a fragilidade da acusação. As testemunhas, por sua vez, preparam intervenções relacionadas aos acontecimentos narrados.

Antes da apresentação, ocorreram momentos de preparação e ensaio. Neles, os estudantes organizaram suas falas, confrontaram interpretações e experimentaram a dificuldade de responder a argumentos contrários. Também surgiram conflitos que exigiram minha intervenção. Essa etapa integra o relato, pois ajuda a compreender o trabalho pedagógico para além do resultado final do julgamento, especialmente no que se refere à escuta, ao respeito às posições divergentes e à necessidade de fundamentar as próprias afirmações.

A culminância ocorreu à noite, no refeitório da escola, preparado para representar um tribunal, diante de familiares dos estudantes, que compuseram a plateia. Durante toda a encenação, os estudantes assumiram seus papéis com empenho e, em alguns momentos nos quais esqueciam trechos de suas falas, adaptavam o texto de tal modo que os que estavam assitindo não perceberam. Capitu foi, então, absolvida. Desse modo, o veredito é registrado como desfecho da encenação construída pela turma com minha mediação. Assim, para discussão, retomo principalmente a seleção de passagens do romance, as mudanças de foco observadas na argumentação, o episódio de conflito em meio a um ensaio e a participação dos estudantes no julgamento. Após o encerramento do júri, a gestão escolar ofereceu um jantar aos estudantes e aos familiares presentes. Esse momento marcou o fechamento da atividade e proporcionou um espaço de convivência entre os particiapntes, ampliando o encontro entre a escola e as famílias dos estudantes para além da apresentação do júri.

Logo, por se tratar de uma reflexão sobre uma experiência já realizada, evito atribuir aos estudantes falas literais que não foram registradas no material disponível. Procuro, em vez disso, examinar os acontecimentos que acompanhei e as decisões pedagógicas tomadas ao longo da atividade. Com esse propósito, apresento, no Quadro 1, as principais etapas do percurso desenvolvido com a turma, desde a leitura e a discussão do romance até os ensaios e a realização do julgamento.

Quadro 1 – Etapas de realização do júri simulado sobre *Dom Casmurro*

Etapa	Atividades desenvolvidas
Organização do julgamento	Distribuição dos papéis de cusação, defesa, testemunhas e integrantes do júri.
Preparação dos argumentos	Seleção de passagens do romance, elaboração das falas e discussão das interpretações defendidas pelos grupos.

ISSN: 2358-8829

Ensaios e mediação docente	Organização das intervenções do romance, confronto de argumentos, ajustes nas falas e mediação dos conflitos surgidos durante a preparação.
Realização do júri	Encenação do julgamento no refeitório da escola, com apresença de familiares, culminando na absolvição de Capitu.
Encerramento e confraternização	Jantar oferecido pela gestão escolar aos estudantes e familiares após a realização do júri simulado.

Fonte: elaboração própria

Diante disso, mais do que o resultado do julgamento, interessa-me o que aconteceu enquanto os estudantes construíam e defendiam suas interpretações. As divergências que surgiram durante a preparação permitiram observar que trabalhar com *Dom Casmurro* exigia lidar com diferentes maneiras de compreender acontecimentos narrados por Bentinho. Nesse processo, a mediação docente foi necessária para que o confronto de argumentos não se confundisse com conflitos pessoais. Nesse contexto, a experiência também apontou que a escuta e o respeito às posições contrárias precisavam ser trabalhados tanto quanto a própria argumentação.

Assim, ao considerar o Quadro 1, compreendo que a experiência ultrapassou a encenação de um julgamento literário. Durante a preparação, as divergências entre alguns estudantes exigiram um trabalho de escuta, respeito e revisão dos argumentos, sobretudo quando interpretações contrárias provocaram tensões entre os grupos. Essas situações passaram a integrar minha reflexão sobre a prática desenvolvida, pois mostraram que a construção de argumentos também envolve conviver com diferentes pontos de vista. Considerando esse percurso, o presente relato foi elaborado com base nas observações da professora durante o desenvolvimento da atividade e na reflexão sobre a prática docente. Quanto ao cuidado ético, optou-se por preservar a identidade dos estudantes e do graduando em Direito, que ministrou as orientações sobre o júri, sem divulgar seus nomes ou imagens que permitam identificá-los.

REFERENCIAL TEÓRICO

A leitura da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, permite discutir como valores sociais participam da construção dos acontecimentos narrados. Nesse romance, Betinho recupera episódios de sua vida por meio de lembranças marcadas por suspeitas e julgamentos sobre Capitu. Entretanto, sua narrativa não constitui um relato neutro, uma vez que os fatos chegam ao leitor pela perspectiva daquele que os conta. A esse respeito, Bakhtin (2015, p. 29)

ISSN: 2358-8829

pontua que “o romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado”. Sob essa perspectiva, as linguagens sociais na composição romanesca carregam diferentes avaliações sobre a vida, as relações humanas e os comportamentos considerados aceitáveis em determinado contexto histórico. Por conseguinte, a leitura da obra machadiana possibilita examinar como concepções de casamento, fidelidade, honra masculina e comportamento feminino participam da versão construída pelo narrador. Assim, a leitura dessa obra exige atenção aos valores que sustentam suas suspeitas, sem confundir interpretações apresentadas com provas dos acontecimentos.

Sob esse viés, o heterodiscurso não se restringe à presença de várias personagens ou alternância de suas falas, mas às relações entre linguagens sociais que integram a organização artística do romance. Conforme as reflexões de Bakhtin (2015), essas linguagens estabelecem relações entre si e carregam diferentes posições valorativas que se encontram, entram em tensão e participam da construção narrativa. Em *Dom Casmurro*, essa perspectiva teórica encontra expressão na maneira como Bentinho incorpora avaliações de outras personagens ao apresentar Capitu. Essa presença da palavra alheia pode ser observada no capítulo XXXII dessa obra machadiana, quando Bentinho retoma a descrição feita por José Dias, agregado da família Santiago, que definira os olhos de Capitu como “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (Assis, 1994, p. 32). Na sequência, o narrador, influenciado pelo olhar inquiridor do agregado, apresenta sua própria comparação ao dizer “olhos de ressaca? Vá, de ressaca” (Assis, 1994, p. 32). Atribuindo, desse modo, a Capitu a culpa de arremeçá-lo a paixões intensas.

Nesse movimento, a avaliação do agregado é incorporada ao relato de Bentinho, que, por sua vez, associa o olhar de Capitu à força de uma ressaca capaz de arrastá-lo. Além disso, o adjetivo “dissimulada” carrega um julgamento sobre a personagem, relacionado a valores sociais que ultrapassam a impressão individual de José Dias. Desse modo, a palavra alheia integra a narrativa de Bento Santiago e participa da construção de uma imagem de Capitu marcada por avaliações que, posteriormente, poderão alimentar suas suspeitas de infidelidade.

Em diálogo com essa discussão, Faraco (2020, p. 66) reflete que “as relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor”. À luz disso, os julgamentos presentes em *Dom Casmurro* estão relacionados a concepções sociais de casamento, fidelidade e comportamento feminino que influenciam a maneira como Bentinho interpreta os acontecimentos. Ademais, a posição ocupada pelo narrador merece atenção, porque é ele quem seleciona as lembranças e apresenta ao leitor suas supeitas sobre Capitu. Em virtude disso, a acusação de adultério não pode ser tomada como uma verdade estabelecida, já que está vinculada à perspectiva de quem narra e aos valores que orientam suas avaliações. Nesse

contexto, a leitura literária favorece uma reflexão sobre a autoridade atribuída à palavra do narrador e sobre a necessidade de confrontar sua versão com outras possibilidades de interpretação.

A partir dessas reflexões, a discussão de Bakhtin (2016) sobre os gêneros do discurso contribui para compreender a organização das falas do júri simulado. Ao tratar da relação entre linguagem e atividade humana, o filósofo afirma que "cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso" (Bakhtin, 2016, p.12). Sob esse olhar bakhtiniano, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional estão relacionados às condições e às finalidades de cada campo da comunicação.

Nesse sentido, durante a experiência com a obra machadiana, as falas da acusação, da defesa e das testemunhas exigiram dos estudantes escolhas linguísticas adequadas aos papéis assumidos e aos destinatários. Outrossim, a necessidade de sustentar argumentos com passagens do romance e responder às contestações tornou a escuta indispensável ao desenvolvimento da atividade. Dessa maneira, o trabalho com a oralidade esteve associado à leitura literária e à defesa de interpretações fundamentadas, sem se limitar à reprodução de falas previamente ensaiadas.

O planejamento do ensino da oralidade também foi discutido por Pereira (2016, p. 32), ao destacar que "as situações de ensino precisam ser planejadas para que o aluno ultrapasse seus próprios limites no ato da comunicação efetiva". Na experiência realizada em 2024, essa orientação esteve presente na preparação do júri simulado, desde a leitura e discussão de *Dom Casmurro* até a elaboração dos argumentos pelos estudantes. Ao longo desse percurso, a escolha de passagens do romance e a organização das intervenções orais exigiram atenção às posições que seriam defendidas durante o julgamento. Além disso, a necessidade de responder às contestações reforçou a importância da escuta e da elaboração de argumentos fudamentados na obra. Dessa forma, o trabalho desenvolvido reafirma a pertinência de planejar situações de ensino nas quais os estudantes tenham oportunidades de falar, ouvir e defender suas interpretações diante de posições divergentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A preparação do júri simulado, a partir da obra *Dom Casmurro***,** trouxe à discussão diferentes interpretações dos acontecimentos narrados por Bentinho, especialmente aqueles relacionados à suspeita de adultério atribuída a Capitu. Nesse sentido, ao assumirem posições

ISSN: 2358-8829

de acusação e defesa, os estudantes precisaram selecionar passagens do romance e elaborar argumentos capazes de sustentar suas respectivas teses. Nesse processo de elaboração, a leitura da obra ganhou uma finalidade ligada ao debate, pois já não bastava conhecer episódios narrados, sendo necessário avaliar a consistência das afirmações do narrador e distinguir suas suspeitas dos acontecimentos apresentados.

Entre os elementos da narrativa que merecem detaque nessa discussão está a semelhança percebida por Bentinho entre Ezequiel e Escobar, utilizada pelo narrador para alimentar suas desconfianças sobre a fidelidade da esposa. Durante o júri simulado, esse mesmo episódio foi retomado pelo grupo responsável pela acusação como argumento para sustentar a suposta traição de Capitu. No entanto, a narrativa não oferece uma confirmação independente da acusação, já que os acontecimentos chegam ao leitor pelo olhar de Bento Santiago. À luz das reflexões de Bakhtin (2015) sobre o heterodiscurso, essa construção narrativa pode ser examinada em relação aos valores sociais que orientam os julgamentos sobre casamento, honra e comportamento feminino. Desse modo, o trabalho com o romance colocou em discussão a diferença entre aquilo que o narrador afirma e aquilo que sua própra narrativa consegue demonstrar, questão fundamental para a elaboração de argumentos sustentados na leitura literária.

Quanto à prática da oralidade, as divergências que surgiram entre os grupos durante a preparação do júri mostraram que defender uma interpretação literária exige mais do que reunir argumentos favoráveis à posição assumida. Em alguns momentos, o confronto entre opiniões provocou tensões que demandaram a intervenção da professora, sobretudo para distinguir a discordância sobre o romance dos conflitos pessoais. Nesse cenário, as reflexões de Bakhtin (2016) sobre os gêneros do discurso ajudam a compreender a importância de organizar as falas conforme sua finalidade e seus destinatários, considerando também as respostas dos outros participantes. Por sua vez, a discussão de Faraco (2020) sobre as relações dialógicas contribui para pensar o encontro entre posições valorativas distintas, sem reduzir a divergência à simples oposição de opiniões individuais. Assim, a experiência trouxe uma questão relevante para minha[5] prática docente, pois a qualidade de um debate também depende da maneira como os estudantes escutam, contestam e respondem à palavra do outro, preservando o respeito mesmo quando defendem interpretações contrárias.

[5] O emprego pontual da primeira pessoa justifica-se pela natureza deste relato de experiência, no qual a professora também assume a posição de pesquisadora da própria prática. Essa escolha busca explicitar sua participação nos acontecimentos narrados e distinguir observações realizadas das reflexões construídas a partir da experiência.

ISSN: 2358-8829

Na apresentação do júri simulado, realizada no refeitório da escola, a presença dos familiares conferiu maior alcance às intervenções orais dos estudantes. Diante desse público, os grupos apresentaram suas posições sobre a suposta infidelidade de Capitu, retomando acontecimentos do romance para sustentar os argumentos construídos durante a preparação. Ao final, a personagem foi absolvida, resultado que expressou a decisão tomada no julgamento encenado, sem representar uma resposta definitiva para a controvérsia literária. Afinal, a narrativa de *Dom Casmurro* não oferece ao leitor uma prova conclusiva do adultério de Capitu que não dependa da interpretação de Bentinho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com o júri simulado, a partir da obra de Machado de Assis *Dom* Casmurro, realizada com estudantes da 3.ª Série do Ensino Médio, destacou a pertinência de articular a leitura literária ao exercício da argumentação oral. Nesse sentido, ao assumirem posições distintas sobre a suposta infidelidade de Capitu, os participantes/estudantes precisaram retomar acontecimentos do romance e elaborar justificativas para suas interpretações. Nesse percurso, a discussão sobre a confiabilidade do relato de Bentinho ganhou importância, sobretudo pela necessidade de distinguir suas suspeitas dos acontecimentos narrados. Assim, a proposta favoreceu uma abordagem da obra machadiana voltada ao confronto de argumentos e à leitura crítica das avaliações presentes na narrativa.

Por outro lado, as divergências que surgiram durante a preparação revelaram desafios relacionados à escuta e ao respeito às posições contrárias. Diante dessas situações, a mediação docente tornou-se necessária para manter o caráter formativo do debate. Ainda que não tenham sido utilizados instrumentos específicos para medir avanços individuais na aprendizagem, os acontecimentos observados oferecem contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente no planejamento de atividades que relacionem literatura, oralidade e argumentação. Além disso, a experiência aponta para a relevância de novas investigações que acompanhem, por meio de registros das intervenções orais e das produções dos estudantes, como os argumentos são elaborados e reformulados ao longo de práticas dessa natureza.

Palavras-chave: Heterodiscurso, Dom Casmurro, Júri simulado, Argumentação, Educação Básica.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Dom Casmurro. In: Assis, Machado de. **Obra completa**. V.1. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994. Disponível em: https://bibliotecafuturo.com.br/acervo-dominio-publico/dom-casmurro/Acesso em 24 out. 2026.

BAKHTIN, Mikhail. O**s gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin.** São Paulo: Parábola Editorial, 2020. *E-book* (*Kindle*).

PEREIRA, Francisca Rejane Silva Cunegundes. **Leitura e produção de textos orais e escritos: uma proposta de atividades com ênfase na argumentação**. Dissertação (Mestrado profissional em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016. Disponível em: https://dspace.sti.ufcg.edu.br/handle/riufcg/197. Acesso em: 23 out. 2026.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2013. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulga%C3%A7%C3%A3o/LIVROS/Metodologia_do_Trabalho_Cient%C3%ADfico_-_1%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o_-_Antonio_Joaquim_Severino_-_2014.pdf. Acesso em: 10 out. 2026.